

11 A 13  
DE DEZEMBRO  
DE 2024

EVENTO PRESENCIAL  
NA UFRPE RECIFE



2º Congresso Internacional de Agroecologia  
e Desenvolvimento Territorial (CIADT)  
11º Seminário de Agroecologia e  
Desenvolvimento Territorial (SEADT)

TEMA

Agroecologia política, sistemas alimentares e transições agroecológicas



## Partes de animais e plantas medicinais tratando pessoas e seus animais domesticados

Peluzio Ferreira Martins. Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) Universidade Estadual da Bahia (UNEB) ; E-mail: [012310058@uneb.br](mailto:012310058@uneb.br)

Anna Christina Freire Barbosa. Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) Universidade Estadual da Bahia (UNEB) ; E-mail: [acvideoaulas@gmail.com](mailto:acvideoaulas@gmail.com)

Fabio del Monte Coccozza. Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT) Universidade Estadual da Bahia (UNEB) ; E-mail: [fabiococcozza@uneb.br](mailto:fabiococcozza@uneb.br)

**Linha de Pesquisa:** Ambiente, Saúde e Sistemas Agroalimentares.

### 1 Introdução

Antes de qualquer apontamento teórico sobre uso de plantas medicinais, devemos refletir sobre como viviam os ancestrais (do Semiárido) que habitaram nossos territórios: os indígenas e quilombolas, e depois foram se somando com a chegada de colonizadores/invasores, gerando novos conhecimentos para o tratamento das enfermidades que acometiam pessoas e seus animais domesticados.

A fitoterapia e outras *práticas* farmacológicas tradicionais têm seu uso difundido em todo o mundo. [...] No entanto, os medicamentos tradicionais podem ser considerados como um potencial e atraente recurso terapêutico. Persiste a necessidade de avaliar os reais benefícios e os possíveis riscos apresentados através da realização de ensaios clínicos conduzidos em conformidade com os princípios da ciência clínica atualmente praticada (Brasil. 2008, p.01).

É com os cuidados e recomendações necessárias do Ministério da Saúde que se deve abordar esta temática, sem negligenciar as capacidades de autonomia e conhecimento que

nossas ancestralidades dispunham ao conviver em um ambiente natural nos nossos territórios nordestino e brasileiro.

Existem registros diversos: nas músicas, em versos de cordel e principalmente através da oralidade em comunidades tradicionais, sobre o valor e a utilidade das plantas como remédio. Um exemplo é a música Nelore Valente, a qual relata uso de ervas e benzimentos:

Eu notei que o meu avô  
ficou bastante abatido  
por ter que sacrificar  
o animal recém-nascido  
nas lágrimas dos seus olhos  
eu entendi seu pedido  
pus o bichinho nos braços  
leve pra casa escondido  
com ervas e benzimentos  
seu caso foi resolvido  
com carinho eu lhe tratava  
e o leite que o patrão dava  
com ele era dividido (Sulino e Carlos, 2023).

A letra da música relata uma história de cuidado de um animal a partir do uso de ervas e benzimentos, sendo uma prática mais comum nas áreas rurais brasileiras, com uso também nas cidades, tendo as feiras livres e os mercados públicos como pontos de disseminação desses conhecimentos.

No caso de animais domésticos, a fitoterapia tem sido cada vez mais adotada em clínicas veterinárias, oferecendo medicamentos fitoterápicos 100% naturais, como chás, infusões, cápsulas, tinturas, óleos e pomadas, para tratar uma variedade de condições, desde feridas até dores nas articulações.

A utilização de plantas medicinais em medicina veterinária já é reconhecida por muitos e visa proporcionar novos conhecimentos e ações que possibilitem um tratamento eficaz em animais de estimação. É importante ressaltar que a prescrição e a dosagem de qualquer tratamento com plantas medicinais para animais devem ser realizadas por um profissional veterinário ou mediado por pessoas com experiência no uso desses medicamentos naturais.

As plantas medicinais e os conhecimentos sobre tratamento de pessoas e animais representam saberes da vida, cultivados pelas ancestralidades e transmitidos por gerações através da oralidade. Neste artigo abordaremos, além da introdução (que chamo de introito) e as considerações, três temas: Noosfera, animais e plantas, para evidenciar o uso de plantas e

animais utilizados no tratamento de enfermidades de pessoas humanas e seus animais domesticados.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre bens da flora e da fauna utilizados para fins medicinais no semiárido do Nordeste como parte integrante das estratégias de desenvolvimento territorial.

## **2 Referencial teórico**

### **2. Noosfera: a Esfera dos Saberes Humanos: das Curas, das Crenças e da Ciência**

A Noosfera é um termo que pode ser entendido como a "esfera do pensamento humano", derivado da palavra grega *nous*, que significa "mente". Ele é usado para descrever a esfera de pensamento e atividade intelectual que envolve o planeta, incluindo todas as interações mentais e culturais da humanidade.

Devemos estar bem conscientes de que, desde o alvorecer da humanidade, encontra-se a noção de Noosfera — a esfera das coisas do espírito —, com o surgimento dos mitos, dos deuses, e o extraordinário levante dos seres espirituais impulsionou e arrastou o *Homo sapiens* a delírios, massacres, crueldades, adorações, êxtases e sublimidades desconhecidas no mundo animal. Desde então, vivemos em uma selva de mitos que enriquecem as culturas (Morin, 2000, p.28).

O estudo e conhecimento das culturas para o desenvolvimento da humanidade é uma necessidade incessante, pois até mesmo as academias e os grupos de pesquisas, de estudos e laboratórios também têm culturas próprias, guiadas por suas linhas de pesquisa e áreas de estudos que alimentam tradições de conhecimentos em ciclos fechados e com ideias próprias.

Os catingueiros, como diria Almeida (2022), têm suas próprias ideias e modos de fazer, ocupar e usufruir dos seus territórios. E os conhecimentos tradicionais desses povos “geralmente resulta em estratégias produtivas multidimensionais de uso da terra, que criam, dentro de certos limites ecológicos e técnicos, a autossuficiência alimentar das comunidades em determinadas regiões” (Altieri, 2004, p.34).

No campo da Agroecologia Altieri (2004) apontou que, para que uma produção seja estável, ela só pode acontecer no contexto de uma organização social que proteja a integridade dos recursos naturais e estimule a interação harmônica entre os seres humanos, o agroecossistema e a natureza.

Vale, portanto, refletir sobre o que Paul Claval (1999) nos ensinou em *Etnogeografias*: devemos conhecer os modos de vida para saber que concepção de mundo os habitantes daqueles espaços têm a nos oferecer de compreensão sobre suas visões de mundo e não apenas as que nós, geógrafos, construímos com nossas representações. E, o que os habitantes de cada território sabem é de interesse crucial para aquela territorialidade.

## **2.1 Animais e Plantas no Tratamento de Pessoas e Seus Animais Domesticados**

Diversas partes de animais são utilizadas, tanto na medicina popular quanto na pesquisa científica. Na medicina popular, alguns exemplos de animais utilizados em tratamento são a estrela-do-mar, o cavalo-marinho e o boto-vermelho; a banha de cascavel e rabo de tatu são partes do corpo empregadas para tratamentos. Embora alguns não apresentem ainda eficácia comprovada e possam oferecer riscos ecológicos, tais práticas integram sistemas de crenças tradicionais que merecem respeito.

Por outro lado, na pesquisa científica, os porcos são frequentemente utilizados devido à semelhança de sua anatomia com a dos humanos, o que os torna úteis para estudos e avanços médicos, como transplantes de órgãos e tecidos; os cavalos são utilizados para produzir o soro antiofídico sem causar impactos sobre esses animais, pois as pequenas doses de veneno administradas na sua corrente sanguínea não oferecem risco ao grande animal.

O uso de animais na Medicina levanta questões éticas e legais, e seu emprego na pesquisa é regulamentado por comitês de ética e legislação específica.

Santos (2009) na dissertação de mestrado pela UEPB, indica que “Foi registrado um total de 53 espécies animais medicinais (43 vertebrados e 10 invertebrados), distribuídas em 42 famílias. Aves com 18, mamíferos com 17, e insetos e répteis (ambos com 6 espécies) foram os grupos melhor representados em número de espécies” (Santos (2009, p.41). A mesma autora constata que há um grande número de espécies animais usados na medicina tradicional, identificando mais de 2 centenas de animais, somente no Nordeste do Brasil, comprovando que a zooterapia representa uma prática tradicional na região (Santos, 2009).

As plantas medicinais vêm sendo usadas desde épocas antigas como remédio para o tratamento de muitas doenças, desempenhando um importante papel na saúde das pessoas e animais, com evidencia de registros em todos os continentes do mundo através de ervas associadas e crenças e rituais nas mais diversas religiões.

Apesar do aumento significativo do uso de plantas medicinais e fitoterápicos, essas ainda têm sido pouco exploradas e seu uso é estimulado de maneira pouco criteriosa do ponto

de vista fitoterápico. O consumo de remédios caseiros à base de plantas é uma realidade e contribui para o reconhecimento dos saberes tradicionais.

Percebemos também no trabalho de Ferreira (2009) o uso plantas medicinais para o cuidado de enfermidade de animais domésticos, alguns desses dados foram coletados nesse estudo e demonstrados no quadro abaixo.

**Quadro 1** - Plantas utilizadas para tratamento de animais

PLANTA			
NOME	PARTE USADA	PARA QUE SERVE	ANIMAL
Tabaco	Folha no álcool	Anti-helmíntico	Cães <sup>1</sup>
Feijão guandu	Manipulado com sal e mel e decocção	Anti-parasitas	Cães
Erva-de-santa-maria	Óleo	Anti- Toxascaris	Cães e gatos
Mamão (Carica papaya L.)	Casca e folhas, mistura com grama e óleo	Contra vermes	Cães

Fonte: Ferreira, 2009. Elaboração: Martins, 2024.

### 3 Metodologia

O processo de construção metodológica desse trabalho está estruturado em duas formas. Destaca-se primeiro a abordagem metodológica que foca na sua característica qualitativa, pois segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais; e, no tipo de metodologia baseado no Relato de Experiência (RE), cujo objeto de análise é o próprio sujeito autor e sua ancestralidade, tendo por referência sua comunidade: Sítio Baixio do Juá, habitada por seus ancestrais desde o ano de 1861, no município de Serrita, no Sertão Central do estado de Pernambuco.

Nessa direção, Ludke e Cruz (2009) destacam que o RE não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica; ele trata do registro de experiências vivenciadas, cujas vivências podem ser, por exemplo, oriundas de pesquisas, ensino, eventos, projetos de extensão universitária, dentre outras.

Em um segundo momento destaca-se a metodologia adotada para a realização e coleta de dados bibliográficos, que teve como ponto de partida o uso das plantas e animais no tratamento de saúde de pessoas e animais, pois foi a partir das aulas da disciplina “Plantas no

<sup>1</sup> Não recomendado para cadela prenhe.

tratamento da saúde e do ambiente” que houve o interesse por buscar informações, a fim de verificar se havia respaldo científico no uso desses bens da natureza que os ancestrais sempre utilizavam no autocuidado e no cuidado com os animais domésticos.

Essa metodologia foi crucial para favorecer o debate acerca das temáticas suscitadas nesse trabalho numa forma integrada e interdisciplinar de conhecimento. Para muitos parece os saberes utilizados por gerações poderiam estar obsoletos ou fora de uso, e o momento oportunizou a ampliação dos conhecimentos teóricos e reafirmação dos práticos ou etnosaberes acerca do uso de plantas e animais no tratamento de pessoas e animais domesticados.

#### **4 Resultados e Discussão**

As discussões em torno da temática de animais e plantas medicinais começaram a partir do exposto na metodologia: que a ideia inicial do tema surgiu com a provocação da disciplina ao levar a turma para visitar laboratório do IF-Sertão Campus Petrolina, onde se extraem óleos essenciais, tinturas e etc. E em visita ao horto de plantas medicinais, também do IF Sertão, zona rural do mesmo município.

Ao pesquisar no *Google Acadêmico* e na plataforma *Scopus*, vislumbramos artigos, dissertações e teses a esse respeito, sendo possível perceber que no Brasil ainda há poucos estudos e que em línguas inglesas há muito mais produção nesse sentido e que também países da América latina e europeus já se empenham muito mais nessas pesquisas com maior produtividade acadêmica.

Dentre os trabalhos consultados podemos destacar alguns deles: ARTIGO: *Panorama brasileiro dos serviços de plantas medicinais e fitoterápicos*, de autoria conjunta de Badke M.R.; Cogo S.B., Ilha A.G., Heisler E.V., Schimith M.D., Sacramento, H.T. (2019); DISSERTAÇÃO: *Animais e plantas utilizados como medicinais por uma comunidade rural do semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil*, de autoria da Santos, Silene Lima Dourado Ximenes, 2009, pela Universidade Estadual da Paraíba e uma TESE intitulada *Rezadeiras e rezadores das almas: um estudo sobre a vivência das religiosidades no sertão de Princesa* de José Anchieta Bezerra de Melo (2021).

Como parte de experiência própria e vivências pospusemos citar alguns exemplos de animais (partes) utilizados na comunidade Baixio do Juá, da cidade de Serrita – PE são, a banha de teiú, usada para inflamações na garganta, banha de galinha misturada com mel, que serve contra gripes e catarro no peito, banha de traíra, que serve para tirar dor de ouvido, banha de cascavel, para massagear as juntas, a coluna e contra reumatismo, sendo esses os mais conhecidos e utilizados. Veja quadro 2.

Os avós, tios e minha Mãe contam da utilização e destes em tratamento de saúde dos familiares. No entanto, dos remédios de animais que se utilizam com mais segurança tem-se o da banha de galinha e do peixe traíra.

Sobre as plantas medicinais, as usadas com mais frequência eram o mastruz cozido no leite como anti-inflamatório e emendar osso quebrado de galinhas; a babosa também era uma das principais, com diversos usos, entre eles tratar o cabelo e para problemas intestinais, fazendo uma pílula com fécula de mandioca.

**Quadro 2:** Animais e plantas utilizados pela comunidade Baixio do Juá, Serrita-PE

<b>Animais/partes:</b>	<b>Indicação</b>	<b>Plantas</b>	<b>Indicação</b>
- Banha de teiú	Problema de garganta	Batata de teiú	Dor de dente
- Banha de galinha	Dor de ouvido	Mastruz	Cicatrizante
- Banha de traíra	Infecção na garganta	Chorume da cinza do angico <sup>2</sup>	Utilizado para fazer sabão com gordura de animais e/ou mamona
- Banha de cascavel	Dor nas juntas/reumatismo	Raiz de munçambê+mel	Lambedor com mel para gripes
		Babosa	Problemas intestinais / cuidar do cabelo

Fonte: Martins, 2023.

## 5 Conclusões

Reafirmar conhecimentos autóctones que considerem o equilíbrio sociedade e natureza é também contribuir com o pensamento agroecológico na medida em que se conhecem os territórios e suas culturas, podendo oferecer maneiras de preservá-los para futuras gerações, bem como é possível unir os conhecimentos pretéritos aos novos e rearranjar saberes originais e sustentáveis.

Podemos inferir que o uso de partes de animais e plantas medicinais podem oferecer riscos ambientais ao equilíbrio de ecossistemas, no entanto é preciso não generalizar pois temos exemplos de uso não impactantes, como uso dos cavalos para produzir o soro antiofídico e uso da banha de galinha e do peixe traíra que não causam impactos, como no relato de experiência da comunidade Baixio do Juá do município de Serrita no sertão de Pernambuco.

<sup>2</sup> Este uso não era propriamente medicinal, no entanto até meados do século passado era utilizado para higienizar os utensílios domésticos, as roupas e o próprio corpo, utilizando nos banhos.

Este uso não era propriamente medicinal, no entanto até meados do século passado era utilizado para higienizar os utensílios domésticos, as roupas e o próprio corpo, utilizando nos banhos

Para fazer uso de plantas medicinais precisamos das cascas das árvores, de raízes e folhas, assim como os apicultores necessitam das matas para produzirem flores para as abelhas extraírem mel. O campo filosófico da Noosfera nos leva a simbiosfera (sabedoria para viver juntos) entre natureza e sociedade em um espaço social integrativo com interação harmônica entre os seres humanos e seus agroecossistemas.

É válido salientar que ainda é um desafio consiliar extração de plantas medicinais e de partes de animais com a conservação da natureza, pois as práticas advém de tempos antigos quando não haviam legislação ambiental suficiente as preocupações básicas das populações interioranas do territórios nordestinos eram a sobrevivência e não ainda interesse capitalistas da exploração em si.

No entanto, vale dizer que as populações tradicionais como no RE apresentado apresentavam cuidados ao retirar extratos naturais como cascas e raízes que preservem as mesmas plantas para reuso posterior. Porém, com os animais selvagens é preciso pensar formas de uso mais harmonioso com os ecossistemas locais e como as políticas públicas podem contribuir para a promoção do uso racional de plantas medicinais e produtos de origem animal, atrelando tudo com o Desenvolvimento Territorial e preservação dos Agroecossistemas.

## 7 Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. **GeoTextos**, vol. 18, n. 2, p. 231-254, dezembro 2022.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BADKE M.R., COGO S.B., ILHA A.G., HEISLER E.V., SCHIMITH M.D., SACRAMENTO H.T. Panorama brasileiro dos serviços de plantas medicinais e fitoterápicos. **Rev. Enferm. UFSM**. 2019, vol 9, n. 64, p.1-19. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769233655>

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instruções operacionais**: informações necessárias para a condução de ensaios clínicos com Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Organização Mundial da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 20 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).

CLAVAL, Paul. Etnogeografias. **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, N.7, p. 69-74, 1999.



DENZIN, Normam K. e LINCOLN, Yvonna. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERREIRA, Felipe Silva. Avaliação do uso e da comercialização de zooterápicos no Cariri cearense e caracterização biológica da banha de Tupinambis meriana (Duméril & Bibron, 1839) (Squamata: Teiidae), Crato-CE, 2009.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

LUDKE, M e CRUZ G. B da. A pesquisa do professor da educação básica em questão. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.14, p. 456-468, 2009

MELO, José Anchieta Bezerra de. **Rezadeiras e rezadores das almas: Um Estudo sobre a Vivência das Religiosidades no Sertão de Princesa**. Tese. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2021.

SANTOS, Silene Lima Dourado Ximenes. Animais e plantas utilizados como medicinais por uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil 2009. Dissertação.

SULINO; CARLOS, A. (comp), **Nelore Valente**, 2023. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/joao-paulo-e-daniel/nelore-valente.html>. Acesso em 09/09/2024.